



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE PEDAGOGIA

ANNA GABRIELY PAES FERREIRA DE CARVALHO

OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO COVID-19: um estudo sobre as práticas
curriculares de professores do município de Caruaru

Caruaru
2021

ANNA GABRIELY PAES FERREIRA DE CARVALHO

OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO COVID-19: um estudo sobre as práticas
curriculares de professores do município de Caruaru

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Pedagogia do Campus Agreste da
Universidade Federal de Pernambuco –
UFPE, na modalidade de artigo científico,
como requisito parcial para a obtenção do
grau de licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Orientador (a): Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida

Caruaru

2021

Os impactos da pandemia do covid-19: um estudo sobre as práticas curriculares de professores do município de Caruaru

Anna Gabriely Paes Ferreira de Carvalho¹

RESUMO

Este trabalho está inserido no debate nacional sobre os rumos das políticas curriculares e do currículo, e tem como principal objetivo compreender como se dá o movimento das práticas curriculares de professores de escolas municipais de Caruaru, no contexto da pandemia do Covid-19 e das aulas remotas. Dessa forma, buscamos analisar os movimentos outros das práticas curriculares dos professores nesse período de aulas on-line e de distanciamento social, assim como a organização curricular e a (re)definição das atividades tomadas por esses profissionais nesse contexto. No que concerne a metodologia adotada na pesquisa, nos respaldamos nos estudos sobre a abordagem qualitativa de Minayo (1998), e nos procedimentos metodológicos de entrevistas semi-estruturada, a partir de Gil (1999) e na Análise do Discurso na perspectiva que trabalha Orlandi (2010). Para a coleta de dados, buscamos por professores que lecionam nos anos iniciais do Ensino Fundamental I do município de Caruaru, e que atuam nesse período pandêmico dando aulas de forma remota e on-line, assim selecionamos 3 professoras que contemplaram os nossos critérios, e então realizamos a entrevista semi-estruturada via WhatsApp. A análise dos dados pautou-se na Análise do Discurso segundo Orlandi (2010). Os resultados do nosso estudo apontam as dificuldades vivenciadas por professores e alunos nesse período de aulas on-line, assim como o valor inestimável da educação e da escola, além da insubstituível presença dos professores que não podem ser trocados por plataformas digitais. Esses profissionais assumem um papel crucial ante as urgências vividas no mundo atual. Portanto, concluímos que os professores, mesmo com toda adversidade, não se distanciaram do seu principal propósito e continuaram buscando concretizar uma educação de qualidade para todos os estudantes.

¹ Graduando em Pedagogia – CAA – UFPE; E-mail: anna.gabriely@ufpe.br

Palavras chave: contexto pandêmico; currículo; práticas curriculares.

DATA DE APROVAÇÃO: 17 de dezembro de 2021.

1. INTRODUÇÃO

O ano de 2020 iniciou com o surgimento da pandemia causada pelo novo Coronavírus, descoberto em 31 de dezembro de 2019, e confirmado no Brasil dia 26 de fevereiro de 2020. Com o objetivo de reduzir o contágio entre as pessoas, a OMS (Organização Mundial de Saúde) apontou medidas de isolamento e distanciamento social para o controle da transmissão do vírus. Com essa decisão, voltar para a nossa rotina de obrigações não foi fácil, e a vida social, educacional e econômica foi diretamente afetada. Segundo Barreto e Rocha (2020), devido à pandemia, o mundo hoje presencia uma nova forma de comportamento social, que causam várias consequências e mudanças nas formas de se relacionar, de consumir, nas estratégias de trabalhos e, sobretudo, no trabalho docente.

Decorrente desse novo cenário, se deu o fechamento repentino das escolas por tempo indeterminado. Dessa forma, visando reduzir os impactos na aprendizagem dos estudantes, o Ministério da Educação (MEC), por meio da portaria nº 343, de 17 de março de 2020, elege as aulas remotas como solução emergencial para o período pandêmico, respeitando assim as medidas de combate ao novo Coronavírus.

Com essa mudança, as práticas curriculares dos professores também precisam ser redefinidas, visto que as aulas remotas demandam movimentos outros, assim como a produção de roteiros, edições de vídeos e orientações claras para os alunos, além de alterações no planejamento das práticas docentes. Para além disto, segundo Ferreira e Barbosa (2020), esse novo modelo de aula requer sobretudo que os professores se mantenham ativas, criativas e com novas demandas bastante desafiadoras. De maneira que, a forma conhecida pela qual os professores estavam acostumados a conduzir seu trabalho já não serve mais.

De acordo com este cenário, a reorganização do currículo é inevitável, uma vez que este deve beneficiar a relação com a realidade vivida pelos sujeitos, e acompanhar o processo de transformação social.

Destarte, compreendemos que o currículo está em constante movimento,

devido a relação que se dá entre o social, o político e o cotidiano, em que a cultura influencia diretamente, assim como os professores que o materializa ao ensinar. Nesta linha de pensamento, consideramos que o currículo

Não é o consenso, a estabilidade e o acordo, mas o conflito, a instabilidade o desacordo, porque o processo é de construção seguida de desconstrução seguida pela construção. (CHERRYHOLMES, 1988 apud. LOPES; MACEDO 2011, p. 37)

Percebemos assim que nessa construção seguida de desconstrução seguida de construção, que parece um processo repetitivo, sempre há a (re)criação de práticas curriculares. Estas, por sua vez, não são imparciais, sofrendo assim influências dos sujeitos e possibilitando a sua reconfiguração. Nesta linha, Almeida e Lemos (2016) defendem que o currículo e a ação docente estão intrinsecamente articulados às práticas curriculares.

A prática curricular ora assume o sentido de execução de tarefas pré-estabelecidas, exigindo o mínimo de autonomia profissional, ora o sentido de ação docente sendo o professor o principal construtor de suas ações, com isso enaltecendo o poder profissional, podendo ou não contribuir para o desenvolvimento da profissionalidade. (p. 01)

A partir disso, compreendemos que os professores não são apenas reprodutores de tarefas, mas sim construtores de suas práticas. Desta forma, Barbosa (2001), afirma que mesmo utilizando-se de currículos prescritos, professores(as) e alunos(as) estão criando alternativas práticas através das suas vivências dentro e fora da escola, trazendo assim, multiplicidades que não são controláveis e nem previstas pelas propostas curriculares.

Portanto, diante do que foi elucidado, o interesse pela temática surgiu mediante o contato com o projeto de pesquisa intitulado como “Sentidos de Práticas Curriculares: uma análise dos movimentos cotidianos da profissionalidade de professores do agreste pernambucano” sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pernambuco – PIBIC/UFPE/CNPq, que aconteceu entre os anos de 2018 e 2019. Nesse período, ocorreu a identificação com a temática, assim como novos questionamentos sobre a mesma.

No contexto atual da pandemia do Covid-19, a temática se mostrou ainda mais relevante devido aos impactos que ocorreram na educação e nas práticas curriculares

dos docentes em virtude das aulas remotas e de toda a urgência que esse contexto atual nos infere de uma forma aligeirada e violenta.

Tendo isso em vista, acreditamos que os professores de escolas municipais de Caruaru tiveram que se reinventar e reestruturar as suas práticas em decorrência das aulas remotas. Com isso, pressupomos que esses sujeitos tomam o currículo através de outros movimentos, uma vez que este deve beneficiar a relação com a realidade vivida, assim como acompanhar o processo de transformação social, que neste momento sofre com a desconexão apresentada pela pandemia e pelo isolamento que nos insere no mundo digital e nas salas de aula on-line como forma de garantir o acesso à aprendizagem.

Pensando nisso, desenvolvemos este trabalho a fim de responder a seguinte indagação: como se dá o movimento das práticas curriculares de professores de escolas municipais de Caruaru, no contexto da pandemia do Covid-19 e das aulas remotas?

Portanto, temos como objetivos:

Objetivo geral:

- Compreender como se dá o movimento das práticas curriculares de professores de escolas municipais de Caruaru, no contexto da pandemia do Covid-19 e das aulas remotas.

Objetivos específicos:

- Identificar a organização curricular tomada pelos professores nas aulas remotas, no que se refere à organização curricular e ao tempo curricular.
- Caracterizar como os professores elaboram e (re)definem as atividades curriculares no contexto das aulas remotas e no exercício da docência.

2. APORTE TEÓRICO

Nessa perspectiva, entendendo que o nosso foco de pesquisa são as práticas curriculares de professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas públicas de Caruaru, as discussões voltadas ao contexto pandêmico, ao currículo e as práticas curriculares alicerçam as bases teóricas da nossa pesquisa.

2.1. O CONTEXTO PANDÊMICO E A EDUCAÇÃO

A educação vem passando por grandes desafios desde a confirmação do isolamento social causado pelo novo Coronavírus, o fechamento das escolas por tempo indeterminado, a ausência física e a presença invisível dos alunos nos inserem em uma guerra permanente em busca do acesso à educação de qualidade para todos. Em razão disto, a pandemia acaba se apresentando como um momento oportuno para se confirmar a teoria dos conservadores e regressivos de que as práticas educativas podem continuar a distância. Segundo Kohan (2020), os questionamentos realizados por estes sujeitos supõem que não há necessidade de seguir com as escolas abertas, pois essas instituições – que vivem em constante crise – usam recursos que poderiam ser destinados para outros fins. Porém, o próprio contexto pandêmico nos apresenta o verdadeiro lado da ausência das aulas presenciais.

Com a interrupção das aulas, as tecnologias se apresentaram como o único meio para que as escolas pudessem continuar o seu trabalho, mas, segundo Morgado, Sousa e Pacheco (2020) “a digitalização permanente das relações humanas acabará, inevitavelmente, por desfigurar o próprio fenômeno educativo, que não se compadece de uma entrega permanente ao domínio do digital.”. (p. 6). Desse modo, compreendemos que as aulas on-line não conseguem suprir todas as necessidades de um ambiente educativo, pois o ato de educar dificilmente irá se resumir a um ponto de encontro invisível entre docentes e estudantes.

Segundo Ferreira e Barbosa (2020), este momento ainda nos coloca lentes para entendermos melhor a crise que a educação vive em nosso país, deixando transparecer a fragilidade e a falta de debates sobre os fins da educação escolar, as suas intenções como uma instituição que visa a humanização, o exercício crítico e democrático, assim como as vivências que por ela percorrem.

Por fim, o cenário atual nos oferece diariamente a clareza do valor inestimável e insubstituível da escola que, segundo Kohan (2020), nos permite entender melhor,

assim como problematizar esse momento, e quem sabe, imaginar e viver outros mundos.

2.2. CURRÍCULO EM TEMPOS REMOTOS

Iniciamos este tópico da nossa fundamentação, afirmando que não entendemos o currículo apenas como um conceito, mas sim “como um conjunto de práticas entrecruzadas, desenvolvidas por sujeitos que ao mesmo tempo em que produzem e discursam sobre o currículo são também formados por ele” (ALMEIDA; SILVA, 2014, p. 105-106). Ou seja, o currículo não é um elemento neutro, pois recebe diversas influências do contexto em que funciona. Assim, compreendemos que o currículo é uma construção que se dá de forma cíclica, sendo materializado de acordo com a necessidade do local e do contexto histórico e sociocultural.

Dessa maneira, segundo Lima, Azevedo e Nascimento (2020), “o currículo das instituições de ensino não deve ser algo imutável, mas, ao contrário, deve ser entendido como uma produção humana.”. (p. 11). Por isso, nesses tempos pandêmicos, é fundamental que o currículo se apresente de forma ainda mais flexível e aberto suprimindo assim as necessidades evidenciadas no período de aulas remotas.

Nessa continuidade, entendendo que o isolamento social adotado em decorrência da pandemia do Covid-19 causou mudanças na organização do currículo, uma vez que este deve beneficiar a relação com a realidade vivida dos sujeitos e acompanhar o processo de transformação social, e que vem sofrendo com a desconexão apresentada pela pandemia que nos insere no mundo digital e nas salas de aula on-line como forma de garantir o acesso à aprendizagem. Segundo Morgado, Sousa e Pacheco (2020), esses espaços on-line “[...] poderão aligeirar transformações curriculares impostas pela digitalização do currículo, enfraquecendo tanto as suas dimensões interativa e de construção social, como a sua dimensão pessoal [...]”. (p. 7).

Portanto, mais do que nunca, precisamos entender que o currículo não pode ser desvinculado das experiências e das realidades do seu público, e deve se concentrar no desenvolvimento social, emocional e cognitivos dos alunos, visto que

[...] o currículo é, em essência, um espaço de partilha. Se, por um lado, o confinamento nos obriga a estar sós, por outro, não podemos esquecer que o currículo é uma construção social, baseada na cultura e nos conhecimentos

e, por isso, delineado e concretizado com base num construto coletivo. (MORGADO; SOUSA; PACHECO, 2020 p. 7)

Com isso, compreendemos a importância da educação no processo de ensino-aprendizagem, particularmente no que se refere ao currículo, sendo este entendido como um elemento não neutro, pois recebe influências do contexto social em que se insere.

2.3. PRÁTICAS CURRICULARES EM TEMPOS DE INCERTEZA

Com o fechamento das escolas por tempo indeterminado, presenciamos a mudança das práticas curriculares dos professores, pois o trabalho realizado de forma remota demanda ainda mais tempo de preparação do que as aulas presenciais, exigindo que os docentes antecipem situações e urgências que antes eram gerenciadas apenas no realizar da aula, além de contar com os imprevistos das ferramentas on-line, e com alunos invisíveis, ou até mesmo a ausência destes. Assim, entendemos que os professores estão se utilizando de movimentos outros ao reestruturarem as suas práticas para atender as demandas do novo contexto social.

Desse modo, compreendemos a partir de Almeida e Lemos (2016), que as práticas curriculares não são imparciais, pois sofrem influência dos sujeitos. Assim, a prática curricular

[...] ora assume o sentido de execução de tarefas pré-estabelecidas, exigindo o mínimo de autonomia profissional, ora o sentido de ação docente sendo o professor o principal construtor de suas ações, com isso enaltecendo o poder profissional, podendo ou não contribuir para o desenvolvimento da profissionalidade. (ALMEIDA; LEMOS, 2016, p. 1)

Nesse pensamento, Lins e Souza (2014) afirmam que os professores não são apenas reprodutores de tarefas, mas sim construtores dos seus próprios discursos e que atuam como intelectuais transformadores. E é a partir dessa transformação que as práticas curriculares são estabelecidas de forma que possibilitem o “respeito às diferentes culturas e que o currículo através de seus educadores estabeleça a relação entre a sociedade dominante e a vida cotidiana [...]” (LINS; SOUZA, 2014, p. 03).

Nesta direção, no processo de implantação do currículo o professor realiza reformulações, considerando que “[...] a realidade da rede escolar e seu cotidiano repleto de urgências promove a lucidez necessária nos profissionais da educação acostumados a dar novos significados às orientações legais e/ou oficiais”. (MELONI,

2016, p. 323). Entendendo assim, que esses profissionais estão em constante reflexão sobre a sua própria prática, fazendo com que deem novos significados e alterem as prescrições, definições e deliberações procedentes dos governos.

Destacamos que as políticas curriculares estão sempre ganhando novos significados e interpretações, que são atribuídas de acordo com o contexto histórico, social e cultural onde são implantados. Nesta linha, entendemos que o docente vai “repensar a sua própria prática, pois cada realidade necessita de um trabalho diferenciado com os conteúdos, cabendo ao professor perceber e enriquecer suas práticas, sem seguir o currículo à risca [...]”. (MELONI, 2016, p.326).

Portanto, segundo Almeida, Gonçalves e Leite (2018), os professores se utilizam de seus conhecimentos profissionais e acadêmicos para gerenciar o trabalho que produzem cotidianamente, entendendo-os assim como construtores de suas práticas, e não apenas como executores do prescrito. Com isso, os professores criam e recriam suas táticas para um melhor desenvolvimento do processo no cotidiano escolar.

Por fim, é importante destacar o esforço educacional realizado pelos professores nesse momento, pois a sociedade continua a impor desafios sem precedentes aos educadores, que por sua vez respondem realizando “anonimamente percursos de formação autênticos e dialógicos, marcando posição em favor da Educação que emancipa e liberta”. (FERREIRA; BARBOSA, 2020, p. 14). Entendendo que a docência vai além da transposição de conteúdos, e que mesmo com as aulas remotas realizadas no período de isolamento social, os educadores continuam lutando e se utilizando da sua profissionalidade para que o essencial esteja presente nesse momento, que é a convivência, o diálogo, as interações, pois é nessa ação coletiva, que é possível ensinar.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa, assim como já anunciado, objetiva compreender como se dá o movimento das práticas curriculares de professores que atuam em escolas municipais de Caruaru, no contexto da pandemia do Covid-19 e das aulas remotas. Assim, na busca por procedimentos teóricos metodológicos que nos auxiassem no alcance de nossos objetivos, nos respaldamos nos estudos sobre a abordagem

qualitativa de Minayo (1998), e nos procedimentos metodológicos de entrevistas semi-estruturada, a partir de Gil (1999). Por fim, nos debruçamos na análise do discurso na perspectiva em que trabalha Orlandi (2010) para explorar e trabalhar os dados obtidos.

Por compreendermos, a partir de Minayo (1998), que a pesquisa qualitativa se refere a uma pesquisa que "[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes." (p. 21), seguiremos por este viés por entendermos a sua contribuição para as reflexões peculiares que o nosso objeto de estudo apresenta.

Destarte, no nosso percurso metodológico buscamos, no município de Caruaru, por professores que lecionam nos anos iniciais do ensino fundamental, e que atuam nesse período pandêmico dando aulas de forma remota e on-line. Dessa maneira, encontramos 3 professores que atenderam os nossos critérios, as quais receberam os nomes fictícios de Ana, Maria e Valéria, e assim serão tratadas no decorrer do nosso estudo. Para conhecermos melhor as nossas entrevistadas, apresentamos os níveis de ensino que cada uma delas atua. Valéria leciona no primeiro e quinto ano do Ensino Fundamental I, Ana atua no segundo ano do Ensino Fundamental I, e Maria atua no quinto ano do Ensino Fundamental I.

Nesta continuidade, as nossas professoras foram convidadas para uma entrevista semi-estruturada on-line através do WhatsApp, por entendermos, a partir de Gil (1999), que este instrumento "[...] enfoca um tema bem específico. O entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada" (p. 112). Nos auxiliando no levantamento dos dados necessários para a nossa pesquisa.

Desse modo, ao escolhermos o caminho metodológico de nosso estudo, buscamos aprofundar nossos dados por meio da Análise do Discurso, por entender, a partir de Orlandi (2010), que "a Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.". (p. 15). Além disso, ressaltamos que o instrumento da nossa pesquisa – a entrevista semi-estruturada realizada de forma on-line –, foi analisada nessa perspectiva, por considerarmos a possibilidade de identificarmos elementos das práticas curriculares presentes no cotidiano dos estudantes-professores através dos seus movimentos discursivos.

Por fim, entendemos que estas práticas discursivas fazem parte do processo de identificação de sujeitos, de argumentação, de subjetivação e de construção da

realidade, e é a partir desta que iremos entender, de forma ampla, as práticas curriculares dos docentes nesse período de aulas on-line e de distanciamento social.

4. ENSINO REMOTO: REALIDADE E REFLEXÕES

Retomando os objetivos propostos em nosso estudo, procuramos elucidar uma análise pautada nas práticas discursivas das professoras Maria, Ana e Valéria, onde buscamos compreender como se dá o movimento das práticas curriculares destas professoras no contexto da pandemia e das aulas remotas, levando em consideração o currículo da educação básica.

Desta forma, dividimos a análise em três categorias: as orientações curriculares em tempos de pandemia; planejamento de aula: aproximações virtuais em tempos de distanciamento social e movimentos outros: a modificação da prática em tempos de aula remota. Onde buscamos analisar através dos discursos das professoras intituladas acima, os movimentos outros que elas estabelecem nesse período de aulas remotas no que se refere a organização curricular e a elaboração e (re)definição das atividades curriculares no exercício da docência.

4.1. AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Sabemos que as políticas curriculares apresentam orientações curriculares presentes nos documentos prescritos e que tem como teor uma política que busca uniformizar a educação nacional ao inserir concepções de cidadão, de escolarização e de sociedade que são ditadas por agentes sociais privados que se inserem no âmbito educacional para possuir um maior controle sobre os currículos. Isso se dá devido ao modo de produção capitalista em que vivemos, onde se institui a estratégia políticoeconômica neoliberal, que tem como objetivo a preservação dos interesses mercadológicos.

Dessa forma, segundo Fabiana Filipe, Dayane Silva e Áurea Costa (2021), quando a escola está inserida nesse modo de produção ela vive uma contradição

por um lado, reproduz a contradição fundamental do capitalismo – a divisão da sociedade em classes antagônicas – nos seus objetivos específicos de prover essa sociedade de um projeto educativo influenciado pelos interesses burgueses de formar os indivíduos com competências para disputar uma

vaga no mercado de trabalho e se submeter à intensificação e à precarização do trabalho; por outro, pode proporcionar os elementos necessários à compreensão crítica dessa realidade e sua transformação. (p. 2)

Ainda segundo os autores Filipe, Silva e Costa (2021), nessa disputa pelo saber, coloca-se a questão relacionada à hegemonia estatal sobre as escolhas do “que”, “como”, “quanto” e “quando” ensinar. Dessa forma, a seleção e a organização dos conteúdos a serem ensinados, assim como as práticas pedagógicas para a implantação das decisões são traduzidas nas disputas referentes ao currículo.

Assim, compreendemos que a defesa por uma base nacional comum para o currículo se apresenta como uma promessa de se oferecer uma educação de qualidade para diferentes grupos sociais, em busca de melhorar os índices de desenvolvimento educacional do País. Diante de tais pressupostos, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), vai se apresentar como um dos currículos mínimos a serem seguidos por todo o território brasileiro, uma vez que os padrões servem como guia para os professores darem as suas aulas e como garantia de equidade entre alunos de diferentes classes sociais e vivências, buscando assim, segundo Macedo (2014), “fixar sentidos para um “clamor universal”. (p. 1545)

Nesse entendimento, afirmamos, a partir de Triches e Aranda (2016), que enxergamos a BNCC como:

[...] campo de disputas, prescrição curricular, equívoco, colcha de retalhos, a base não tem base, uniformização do ensino, política neoliberal, Documento escriturístico, arma social, proposição curricular, projeto de educação nacional, descritivo de saberes e conteúdos a serem ensinados e apreendidos, forte amarração ideológica contaminada por um caráter tecnicista e empresarial, pretensão centralizadora, currículo único. (p. 92)

Assumimos assim, que esta produção que tem como objetivo a equidade e educação de qualidade, marca a exclusão das multiplicidades dos pensamentos, das vivências e das particularidades sobre a produção do currículo.

Enfatizamos que se faz necessário entender que o currículo não se limita às prescrições, definições e deliberações procedentes dos governos, pois é um documento em movimento. Neste sentido, segundo Lima, Azevedo e Nascimento (2020), em razão do período de aulas remotas que estamos vivenciando, é fundamental que o currículo “fique mais aberto e flexível, deixando o tradicionalismo cada vez mais escasso das escolas” (p. 11). Atendendo assim as particularidades do momento vivido.

Nesse entendimento, a partir dos discursos das participantes entrevistadas, foi possível compreender como os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental tomam a BNCC, que é o currículo adotado pela rede pública do município de Caruaru-PE. Analisando assim, se essas professoras seguem as orientações prescritas neste documento ou se as adequa às necessidades advindas do momento que estamos vivenciando e do dia-a-dia escolar.

Sim. A minha escola tem orientação curricular, tem um currículo a seguir. Eu consigo sim realizar as orientações do currículo, seguir as orientações do currículo, mas também posso e faço algumas mudanças que acho necessárias mediante ao ritmo dos meus alunos, a questão de aprendizagem, né? Às vezes a gente tem que procurar metodologias e estratégias para alcançar o currículo, né? Que vão além do currículo. (VALÉRIA, PROFESSORA DO 1º E 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I).

A partir do discurso da professora Valéria entendemos que para se alcançar e dar sentido à aprendizagem, se faz necessário ir além das prescrições do currículo. A realidade repleta de urgências proporciona a lucidez necessária aos educadores, para que assim possam dar novos significados às orientações oficiais, visto que esses profissionais conhecem profundamente o seu cotidiano escolar.

Segundo Meloni (2016) é fundamental que os professores repensem a sua própria prática, “pois cada realidade necessita de um trabalho diferenciado com os conteúdos, cabendo ao professor perceber e enriquecer suas práticas, sem seguir o currículo à risca [...]” (p. 326). Dessa forma, entendemos que é na sala de aula que o currículo é recriado e adequado, evidenciando assim que as políticas curriculares não são fixas.

Assim como a professora Valéria, as professoras Maria e Ana também modificam as orientações curriculares de acordo com a necessidade dos seus alunos e do contexto vivido.

Sim, a escola que eu trabalho possui orientação curricular, seguindo a BNCC. Nesse primeiro semestre não houve IQE². Estamos trabalhando apenas com as habilidades dentro da BNCC adaptadas pelo município pelo pessoal que trabalhava no IQE. Tento construir e desenvolver as habilidades propostas, porém diante da realidade são necessárias algumas mudanças para adaptação. (MARIA, PROFESSORA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I).

² Instituto de Qualidade no Ensino

Sim, o currículo do município alinhado com a BNCC. Eu sigo algumas e faço mudanças pertinentes às necessidades dos alunos. (ANA, PROFESSORA DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I).

Ou seja, ainda que essas professoras recebam as orientações da BNCC – currículo seguido pela rede de ensino de Caruaru – elas compreendem que é necessário superar as prescrições oficiais para a efetivação da aprendizagem. Visto que é no cotidiano, dado dia após dia, que o currículo é construído, através das urgências que surgem e que não podem ser controladas e nem preestabelecidas pelas políticas oficiais.

Nessa perspectiva, Melo e Almeida (2020) afirmam que

[...] para além das determinações de políticas curriculares nacionais e locais, os professores são incorporados no jogo de decisão curricular, superando a ideia de que seriam apenas executores de um currículo produzido por outros. (p. 1-2)

Portanto, ao ressignificarem o currículo no âmbito local, os professores mostram que também são construtores das políticas curriculares resultantes das vivências de suas práticas no cotidiano escolar. Em outras palavras, mesmo que a lei estabeleça orientações, estas só são concretizadas através da percepção dos professores sobre o seu cotidiano e sua profissionalidade.

Segundo Mainardes (2006 *apud* SILVA; ALMEIDA, 2014, p. 1444), os professores realizam um papel importante e ativo no “processo de interpretação e reinterpretação das políticas educacionais e, dessa forma, o que eles pensam e no que acreditam têm implicações para o processo de implementação das políticas”. Afirmando assim que o currículo é movimento, dado que sempre está em construção e desconstrução devido a sua relação com o contexto histórico e sociocultural.

Destarte, as professoras participantes da pesquisa afirmam em seus discursos que o currículo se apresenta como um norteador de sua prática, mas não inibe a sua autonomia enquanto professora que vive a realidade e a complexidade do tempo presente e que sente as dificuldades e necessidades dos seus alunos no cotidiano. Em seguida, veremos o discurso da professora Valéria sobre a adaptação do currículo.

[...] posso e faço algumas mudanças que acho necessárias mediante ao ritmo dos meus alunos, a questão de aprendizagem, né? Às vezes a gente tem que procurar metodologias e estratégias para alcançar o currículo, né? Que vão além do currículo. (VALÉRIA, PROFESSORA DO 1º E 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I).

Nessa perspectiva, a professora Maria afirma: “tento construir e desenvolver as habilidades propostas, porém diante da realidade são necessárias algumas mudanças para adaptação.”. (MARIA, PROFESSORA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I). Nessa linha, a professora Ana, enfatiza: “eu sigo algumas e faço mudanças pertinentes às necessidades dos alunos.”. (ANA, PROFESSORA DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I).

Além disso, compreendemos através do discurso da professora Ana que os alunos não são objetos da atividade do professor, mas sim os principais sujeitos do processo de ensino-aprendizagem ao participarem ativamente e intencionalmente da apropriação do saber, e apresentando necessidades que não estão previstas no currículo. Assim, a professora Ana destaca que “no período remoto o planejamento é feito de acordo com as necessidades apresentadas pelos alunos”. (ANA, PROFESSORA DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I).

Por fim, entendemos a partir de Morgado (2011), que os professores assumem um papel especial e fundamental nesse processo, já que as transformações e (re)criações a imprimir no ensino, e o êxito educativo dos estudantes dependem em grande parte deles. Nesse entendimento, iremos analisar no tópico a seguir como os planejamentos das aulas e as atividades foram/são elaboradas pelos professores nesse período de aulas on-line e o distanciamento social.

4.2. PLANEJAMENTO DE AULA: APROXIMAÇÕES VIRTUAIS EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

Em decorrência das aulas on-line, os planejamentos da prática docente, assim como as ações didáticas da escola foram repensadas e reformuladas. Os planejamentos pedagógicos foram alinhados com o período que estamos vivendo, e com essa nova sala de aula, pois entendemos que as aulas remotas não podem ser transposição das aulas presenciais, dada a sua natureza.

Dessa forma, segundo Farias et al. (2009), o planejamento se inicia com esse diagnóstico da realidade e do contexto vivido o qual os docentes irão agir, intervir e alterar. Nesse entendimento, a prática educativa necessita ser organizada previamente e vai se concretizar por meio do planejamento das ações pedagógicas e também didáticas. Portanto, os professores buscam entender e encontrar saídas para esse período de aulas e salas on-line,

[...] com vistas a uma prática do planejamento na qual o professor se reconheça autor e ator de seu fazer profissional. Nessa perspectiva, seu conteúdo e sua forma precisam considerar as necessidades e os desafios cotidianos, bem como as expectativas e sugestões daqueles que o constroem. (FARIAS et al., 2009, p. 110)

Sendo assim, essa nova modalidade de ensino exige um planejamento específico, com avaliação da aprendizagem e metodologia que se alinhem com o contexto pandêmico. Dessa forma, compreendemos a partir de Isabel de Farias et al. (2009), que o planejamento [...] “é ato; é uma atividade que projeta e sistematiza o fazer docente no que diz respeito aos seus fins, meios, forma e conteúdo.”. (p. 106-107). Ou seja, ao planejar o docente reflete sobre o que quer que os seus alunos alcancem, através de quais atividades e recursos, e como vai realizar isso nesse novo contexto de aulas on-line.

Dessa forma, os docentes, antes de desenvolverem os seus planejamentos de aula, também necessitam conhecer a realidade de cada discente no que se refere ao acesso à internet, pois, segundo Andrade, Silva e Melo (2020), a falta de aparelhos tecnológicos destinados para a educação inviabiliza o acesso dos alunos ao ensino durante a pandemia, e muitos acabam não acompanhando as aulas on-line e executando as atividades solicitadas.

Nesta continuidade, ao questionarmos para as professoras participantes da pesquisa como os planejamentos das aulas e as atividades foram/são elaboradas nesse período de aulas remotas a professora Maria respondeu:

As aulas são planejadas semanalmente contemplando o plano curricular proposto pela rede municipal de educação e suas adaptações, e durante esse período remoto as atividades estão sendo elaboradas utilizando os recursos digitais como grupo de whatsapp, vídeo conferências uma vez na semana via google meet, vídeo aulas e também utilizamos aulas do projeto Aula em Casa que é veiculado pela TV câmara e também através de link das mesmas que são enviados para os alunos. Envio vídeos, áudios, imagens e links das atividades para um grupo de Whatsapp e uma videoconferência via google meet uma vez na semana. (MARIA, PROFESSORA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I).

Ao analisarmos o discurso da professora Maria, observamos a modalidade laboral do teletrabalho, que segundo Morgado, Sousa e Pacheco (2020) se concretiza na educação no momento atual através de plataformas digitais, onde os professores enviam atividades letivas a distância para os seus alunos, assim como se conectam com os demais professores e realizam o registro das suas aulas.

A modalidade de Ensino Remoto foi a saída encontrada pela escola para dar

continuidade ao ensino nos tempos pandêmicos, embora a tecnologia não seja algo novo, não era constantemente explorada na área educacional, porém as mudanças dos tempos atuais que afetam o trabalho pedagógico, fizeram com que os professores se adaptassem a essas tecnologias com urgência, mesmo sem formação. Com isso, as tecnologias foram inseridas de forma aligeirada e os professores passaram a utilizá-las para enviar e receber atividades, assim como realizar aulas ao vivo por vídeo chamadas ou gravadas que são enviadas para as redes sociais.

Ao questionarmos a professora Ana como que ela vem realizando os planejamentos e atividades, ela afirma que:

O planejamento acontece de acordo com o currículo, temos encontros pedagógicos quinzenais para alinhamento e no período remoto o planejamento é feito de acordo com as necessidades apresentadas pelos alunos, tenho elaborado atividades mensais (impressas) para auxiliar o desenvolvimento das crianças. As aulas e atividades acontecem quinzenalmente e são através do Meet e também pelo WhatsApp. (ANA, PROFESSORA DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I).

Assim como no discurso da professora Maria, observamos que a professora Ana também se utiliza das tecnologias para realizar as suas aulas, mas devido as necessidades dos seus alunos, Ana elabora atividades impressas para auxiliar no desenvolvimento dos seus alunos. Segundo Lima, Azevedo e Nascimento (2020)

Mesmo com todas as dificuldades que têm surgido nesses tempos, as instituições de ensino têm-se desdobrado para que o conhecimento alcance o maior número de estudantes possível, como, por exemplo, disponibilizando apostilas impressas para os estudantes sem acesso à internet poderem ter em mãos o material. (p. 12)

A iniciativa da professora Ana de entregar atividades impressas aos seus alunos, mostra que ela realizou o princípio do planejamento que é o diagnóstico. Ao realizar a análise sociodigital dos discentes e tomar conhecimento da realidade em que vai atuar, a professora Ana se utiliza da sua autonomia para abranger mais estudantes nesse período de distanciamento, e possibilitar uma maior igualdade social desses estudantes, sabendo que muitas famílias não possuem o mínimo de ferramentas tecnológicas necessárias para esse período. Ou seja, a professora agiu, entendeu e alterou a realidade em que se encontrava.

Porém, esse movimento realizado pela professora Ana que apresentou a sua resiliência para enfrentar esse momento que exige soluções adequadas mostra o outro lado das aulas on-line e remotas. Compreendemos que a tecnologia tem

propiciado aproximação em tempos de distanciamento social, e vem garantindo que as escolas possam continuar funcionando, mas a educação se trata de uma área que é construída através das relações presenciais das pessoas. Segundo Morgado, Sousa e Pacheco (2020),

[...] a digitalização permanente das relações humanas acabará, inevitavelmente, por desfigurar o próprio fenômeno educativo, que não se compadece de uma entrega permanente ao domínio do digital.”. (p. 6)

Para além disso, as medidas adotadas para continuar as atividades escolares podem contribuir para privar alguns alunos do direito e acesso à educação, uma vez que nem todos os alunos possuem a tecnologia necessária para realizar as atividades em casa e de forma não presencial. Portanto, as aulas remotas não podem ser comparadas às presenciais, principalmente pelo fato de muitos estudantes no país não terem acesso à internet e não possuírem condições adequadas para acompanhar as aulas.

Foi possível observar essa dualidade da educação em tempos remotos também no discurso da professora Valéria:

Eu utilizo a minha realidade da minha turma, porque é uma realidade um pouco mais rica, digamos assim, porque eu trabalho com o Meet, com o 1º. E aí, já o 5º ano eu tenho uma realidade que não é tão rica, tão produtiva como a do 1º ano, porque a maioria dos pais trabalham fora, e aí só tem um celular e precisam levar o celular, e aí muitos dos alunos do 5º ano só faz a atividade a noite, eu recebo muita coisa a noite, porque eles não podem mandar no horário, porque os pais não estão em casa com o celular, então eles dão retorno à noite. Já o 1º ano não, o 1º ano eu tenho uma quantidade de 50% da turma comigo ao vivo no Meet, em um determinado horário. (VALÉRIA, PROFESSORA DO 1º E 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I).

Através do discurso da professora Valéria, podemos compreender

[...] as gritantes desigualdades da sociedade brasileira com uma altíssima parte da população sem as mínimas condições de conectividade e aparelhagem como para atender a uma educação remota ou a distância [...] (KOHAN, 2020, p.5)

Desse modo, percebemos com mais clareza nessa pandemia as desigualdades presentes em uma única escola ou até mesmo em uma única sala de aula, onde alguns alunos não possuem nenhuma tecnologia ou acesso à internet e outros conseguem dispor de todos os aparelhos necessários para participar e acompanhar as aulas de forma on-line e ao vivo. Portanto, compreendemos a partir do discurso dessa professora que as aulas on-line não conseguem suprir as necessidades e

especificidades de todos os alunos, reafirmando a importância e o papel do espaço escolar.

Nesse sentido, observamos ainda no discurso da professora Valéria a tensão entre casa e escola, ou seja, “a importância de a escola ter um espaço próprio, separado, [...] ainda, em outras palavras, a impossibilidade de ser mãe e docente, pai e docente ou filha/filho e aluno ao mesmo tempo”. (KOHAN, 2020 p.5-6). Esse segundo aspecto fica ainda mais evidente quando a professora entrevistada afirma que:

As atividades, como eu havia dito, a gente utiliza o livro, mas aí a gente também utiliza o caderno, né?. Então poucas atividades a gente utiliza o caderno. Vez que as mães evidenciam que não tem tempo para copiar e nem dinheiro para tirar xerox. Então a gente utiliza pouco caderno, a gente busca mais usar os livros didáticos, mas quando necessário, a gente utiliza o caderno sim, mas aí a gente manda com antecedência, a gente faz no caderno e manda uma foto, pedindo a elas para transcreverem deixando os espaços das crianças preencherem. (VALÉRIA, PROFESSORA DO 1º E 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I).

Compreendemos que, assim como os professores não estavam preparados para essa mudança das aulas presenciais para as aulas on-line, os pais/familiares também não estavam preparados para essa configuração e demanda, e, segundo Ferreira e Barbosa (2020), os restou a “culpabilização por não ter estrutura para corresponder às expectativas delegadas” (p. 3). Nesse sentido, faz-se oportuno ressaltar o quanto as medidas adotadas nesse tempo de aulas remotas podem causar uma descontinuidade na educação dos alunos, além de clarificar e expor os problemas sociais que a pandemia nos apresentou de maneira mais gritante.

Por fim, a professora Valéria nos apresenta como as aulas e as atividades são planejadas nesse período de aulas remotas.

As aulas são planejadas coletivamente pelas professoras do 1º ano. Aí eu leciono 1º ano do Ensino Fundamental e 5º ano. Então, as aulas são elaboradas pelas professoras, né? A gente planeja semanalmente [...]. Aí a gente planeja junto, né? O que vai dar. A gente decide, na verdade, o que vai dar juntas. Porém, cada uma traz uma contribuição diferente, né? E aí, a gente vai fazendo os ajustes para cada realidade, porque a gente tem turmas que as aulas são enviadas por vídeo, né? Apenas por vídeo no WhatsApp, então as professoras gravam sua aula e enviam o vídeo para os alunos, né? Aí ela só utiliza o WhatsApp. (VALÉRIA, PROFESSORA DO 1º E DO 5º ANO DO FUNDAMENTAL I).

Além de trazer a tecnologia como um recurso importante para a elaboração e compartilhamento de aulas nesse momento em que vivemos, a professora Valéria

também mostra a necessidade do trabalho em equipe dos docentes, pois, segundo Morgado (2011), é essencial que seja desfeita as posturas individualistas que têm definido o dia-a-dia profissional, e que a equipe reflita sobre o que fazem, como fazem e porque é que o fazem.

Ademais, Valéria nos mostra que a docência vai além de transposição de conteúdo, pois os professores possuem autonomia sobre a sua prática e atuam como intelectuais transformadores. Portanto, o papel do professor é crucial no processo de ensino-aprendizagem pois é através das suas decisões e moldes que se consolidam os processos educativos.

Por fim, através dos discursos das professoras, concluímos que os docentes estão em constante reflexão sobre a sua própria prática, assim como estão atentos a cada realidade e contexto social que estão inseridos. Nesse entendimento, iremos discutir a seguir sobre o que mudou na prática das professoras entrevistadas em virtude do cenário atual que causou mudanças inevitáveis no trabalho pedagógico.

4.3. MOVIMENTOS OUTROS: A MODIFICAÇÃO DA PRÁTICA EM TEMPOS DE AULA REMOTA

Visando reduzir os impactos na aprendizagem dos estudantes, o Ministério da Educação (MEC), por meio da portaria nº 343, de 17 de março de 2020, elege as aulas remotas como solução emergencial para o período pandêmico, respeitando assim as medidas de combate ao novo Coronavírus.

Apesar das tecnologias já fazerem parte, direta ou indiretamente, das nossas vidas, a sua utilização de forma integral no cotidiano escolar não era uma realidade. Então, muitos professores nunca tinham dado aula de forma on-line e a adaptação para esse ensino nos apresentou algumas dificuldades, entre elas estão: falta de estrutura adequada em casa (que agora viraria uma imensa sala de aula), a falta de acesso de estudantes e professores à internet, utilização de novas plataformas, antes nunca vistas, e a falta de formação e apoio para esses sujeitos durante este período de aulas a distância.

Nesse sentido, é perceptível que a tecnologia trouxe desafios para o contexto educacional, pois a maioria dos professores tinham facilidade de usar o celular ou até mesmo computador para o lazer, mas nem todos usavam essas ferramentas para fins pedagógicos. Dessa forma, com a inserção tecnológica emergencial, os professores

tiveram que se apropriar de forma aligeirada das tecnologias da informação e comunicação. Segundo Mariana Farias et al. (2020), em virtude dessa não formação tecnológica com fins pedagógicos, os professores se encontram em uma verdadeira corrida contra o tempo para buscar recursos, metodologias e aparatos que os ajudem a levar conhecimentos, mesmo que a distância, para os seus alunos.

Nessa continuidade, tendo em vista o cenário atual e as mudanças inevitáveis que afetaram o trabalho pedagógico, os professores estão em constante adaptação para usar as plataformas de ensino virtuais, e se adequando a esse novo modelo de educação que possibilita a continuidade das aulas nesse período pandêmico.

Entendo isso, questionamos às nossas professoras sobre o que mudou em suas práticas durante esse período de aulas remotas, e a professora Maria afirmou que

Muita coisa mudou, mas principalmente o uso de ferramentas tecnológicas, pois no município não conseguimos chegar a todos por falta de internet e tudo mais. (MARIA, PROFESSORA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I).

O discurso da professora Maria aponta que a tecnologia foi a principal mudança em sua prática durante esse período de aulas a distância. Esse dado que foi levantado pela professora Maria nos mostra a não formação na área tecnológica para os professores.

Nessa continuidade, ressaltamos a resolução de nº 1, de 18 de fevereiro de 2002, do Conselho Nacional de Educação (CNE/PE) que estabelece em seu Art.1º “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de formação plena” (BRASIL, 2002, p. 1), recomendando em suas orientações no Art. 2, inciso VI “o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores” (BRASIL, 2002, p. 1).

Dessa forma, podemos compreender que nas DCNs está contido o anúncio da importância da utilização das tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem. Portanto, é essencial o investimento em formações para professores, onde possam mobilizar e construir conhecimentos sobre essas tecnologias digitais, principalmente depois do momento de aulas a distância em que vivemos hoje.

Segundo Lima, Azevedo e Nascimento (2020),

O uso de tecnologias não é algo novo, porém nunca, na educação, lhe foi dada a importância necessária. O investimento em formação continuada

necessita ser mais robusto. Acreditamos que de agora em diante, caso haja aplicação de recursos na educação, que está carente de qualidade, a utilização das mídias se fará presente, pois seu uso adequado facilita o ensino e a aprendizagem. (p.17)

O discurso da professora Maria ainda nos apresenta a dificuldade que os professores enfrentam para conseguir alcançar todos os seus alunos nesse momento de aulas remotas, já que falta recursos tecnológicos e internet para muitos destes. Nesse pensamento, fica evidente a problemática das aulas on-line, onde uma parcela de alunos tem acesso à educação, e uma parte é privada de aprender “uma vez que nem todos os alunos têm condições efetivas para realizar as atividades de forma não presencial.”. (FERREIRA; BARBOSA, 2020, p. 8).

Ao perguntarmos para a professora Ana o que mudou em sua prática nesse período, ela afirma:

A maneira de executar as atividades e de avaliar o processo de ensino/aprendizagem. Tive que rever alguns conceitos e me apropriar da tecnologia, porém ainda tenho muito a aprender nesse novo modelo de ensino. E houve essa reformulação porque é outro modo de ensinar. Na verdade, essa mudança foi geral, tanto da minha prática como o método utilizado. (ANA, PROFESSORA DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I).

Percebemos, através do discurso da professora Ana, que a mudança foi inevitável nesse período de aulas remotas. Segundo Joe Garcia e Nicolas Garcia (2020)

[...] o período de pandemia, as medidas de isolamento social e a transição para o ensino remoto, solicitaram ajustes em suas práticas docentes, mas não sem reflexão sobre o próprio significado do ato pedagógico. O contexto requereu ensinar em condições diferentes os mesmos conteúdos do currículo. (p. 9-10)

Nessa continuidade, compreendemos que os professores atribuírem sentidos outros a sua prática curricular, tomando decisões que correspondam a necessidade do contexto e momento vivido. Dessa forma, observamos através do discurso da professora Ana, que ela teve que reformular a maneira de desenvolver as atividades e de avaliar a aprendizagem dos seus alunos no período de aulas remotas, atendendo assim as demandas que foram se revelando dia após dia nesse novo cotidiano escolar. Ou seja, “as ações desenvolvidas pelos professores revelam como eles realizam suas práticas curriculares no espaço da sala de aula [...]” (ALMEIDA; LEMOS, 2016, p. 9)

Destarte, compreendemos que para os professores realizarem esses

mudanças eles precisam possuir uma base de conhecimentos essenciais para o exercício da sua profissão. Segundo Sacristán (2013 *apud*. Almeida; Lemos, 2016)

Estamos nos referindo a um saber que se converte em ações, na capacidade de atuar em contextos reais, o que não se reduz ao saber ou ao saber-fazer, que se mostra na tomada de decisões, como reação a demandas, como desempenho de ações. (p. 4)

Entendendo assim que é através do uso desses conhecimentos, os convertendo em ações, que os professores podem transformar a realidade do contexto vivido.

Assim como a professora Maria, a professora Ana enfatiza em seu discurso sobre a inserção da tecnologia. Podemos perceber que para alguns professores, mesmo depois de alguns meses realizando aulas de forma on-line e utilizando-se de certas tecnologias, esse ainda se apresenta como um desafio. Segundo Lima; Azevedo e Nascimento (2020),

[...] para alguns professores a inquietude deve ter sido maior que para outros, até mesmo pela falta de habilidade em manusear algumas ferramentas digitais indispensáveis nessa nova realidade da educação. (p. 14)

Dessa forma, entendemos que a formação tecnológica precisa ocorrer de forma permanente, não se restringindo apenas ao período de aulas remotas e on-line, pois sempre surgem novos recursos e plataformas digitais e os professores necessitam acompanhar essas atualizações.

Por fim, a professora Valéria também afirma que sua prática mudou em tempos de distanciamento social e aulas remotas, ela nos confirma que:

Mudou muita coisa nesse período de aulas remotas. Ele dificultou a prática. A prática de sala de aula ela foi, como é que eu posso dizer, ela foi aniquilada drasticamente, porque a gente tem atividades práticas em sala de aula riquíssimas que requerem muito contato presencial e de grupo, onde as crianças aprendem muito nessa troca, sabe? E aí, a gente perdeu muito isso, essa prática riquíssima, né? De sala de aula presencial. E por mais dinamismo que a gente busque colocar nas aulas, por mais criativo que a gente seja ao criar um vídeo e prepara uma atividade prática pensando nesse contexto da internet, pensando nas ferramentas que a gente pode utilizar da internet, não é a mesma coisa, jamais vai ter o alcance que a gente teria com a prática da sala de aula, com as atividades práticas de sala de aula, com o entrosamento dos alunos por mais que eles estejam em níveis diferentes, sabe? (VALÉRIA, PROFESSORA DO 1º E 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I).

A professora Valéria nos faz compreender que as mudanças afetaram o trabalho pedagógico, mas também a forma com que as escolas estão optando para

continuar conduzindo a educação nesse momento pandêmico não é equivalente ao que é realizado na educação presencialmente.

Em outras palavras, uma visão atenta aos efeitos da pandemia mostram, ao contrário do que as vozes que advogam pelo fim da escola querem concluir, o valor extraordinário e insubstituível da escola, como instituição histórica e social e, também, como forma de suspensão e de profanação, que permite aos que a povoam colocar o mundo sobre a mesa para colocá-lo em questão, entendê-lo, problematizá-lo e, quem sabe, imaginar e viver outros mundos (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014 *apud*. KOHAN, 2020, p. 6)

Entendendo que a pandemia nos possibilita a percepção de questões de forma mais clara, constatamos ainda mais o valor inestimável da educação e da escola, além da insubstituível presença de professores que não podem ser trocados por plataformas digitais, e que assumem um papel crucial ante as urgências vividas no mundo atual, já que dependem desses profissionais as transformações a se reproduzir no ensino, assim como o sucesso educativos dos seus alunos.

Portanto, compreendemos que não tem sido um período fácil, mas ser professor é sempre um desafio em nosso país, principalmente no contexto político em que vivemos. Por isso, segundo Lima, Azevedo e Nascimento (2020) ser professor é se reinventar todos os dias, visto que o principal objetivo desses profissionais é a efetivação de uma educação de qualidade e acessível para todos.

5. CONCLUSÕES

Ao longo da nossa pesquisa, foi possível perceber através das práticas discursivas das professoras Ana, Maria e Valéria que o currículo adotado pela rede pública do município de Caruaru-PE se apresenta como um norteador das suas práticas. Porém, as entrevistadas compreendem que são as singularidades da vivência cotidiana das aulas on-line que revelam as necessidades de aprendizagem dos alunos no contexto pandêmico que estamos vivendo. Assim, as políticas curriculares não inibem a autonomia dos professores que vivem a realidade e complexidade do tempo presente.

Dessa forma, compreendemos que ao identificarem as dificuldades e necessidades dos alunos nesse período de distanciamento social, as professoras entrevistadas repensaram e reformularam os planejamentos da sua prática docente,

assim como as ações didáticas e atividades propostas.

Além disso, com a socialização das experiências das práticas das professoras entrevistadas durante as aulas remotas pudemos perceber com mais clareza os problemas enfrentados nesse contexto em que vivemos, onde a desigualdade de acesso à internet e disposição de aparelhos tecnológicos entre os alunos nos apresentou uma dualidade educacional imposta por esse novo formato de aula, visto que muitos alunos não possuem as condições necessárias para acompanhar as aulas on-line. Destarte, compreendemos que as aulas on-line não conseguem suprir as necessidades e especificidades dos alunos, reafirmando a importância e o papel do espaço escolar.

Por fim, concluímos que ser professor sempre foi um desafio, e nesse contexto em que vivemos não foi diferente. Os professores estão em constante reformulação de suas práticas, realizando movimentos outros para que possam atender as necessidades e demandas que surgiram com esse novo formato de aulas. Formato esse que foi inserido de forma repentina e urgente e que causaram mudanças no trabalho pedagógico, fazendo com que os professores se adaptassem às tecnologias de forma aligeirada e sem formação. Porém, através dos discursos das professoras percebemos que os professores não se distanciaram do seu principal propósito neste período de aulas on-line e continuaram buscando concretizar uma educação de qualidade para todos os estudantes, atribuindo sentidos outros a sua prática curricular e tomando decisões que correspondam a necessidade do contexto e momento vivido, mesmo com todos os problemas e adversidades apresentados nesse período pandêmico.

Diante dessa realidade, ficam os questionamentos: de que forma os impactos causados pelo covid-19 têm afetado o ensino e a aprendizagem? Como será a retomada para as aulas presenciais dos alunos que não acompanharam as aulas de forma remota? Quais as consequências e/ou contribuições deixadas por esse período de aulas on-line nas práticas curriculares? Quais as tecnologias e plataformas digitais continuarão sendo utilizadas como um recurso educacional pelos professores no retorno para as aulas presenciais?

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataíde de; LEMOS, Girleide. **Prática curricular como um dos elementos constituintes da profissionalidade docente**. XVIII ENDIPE, Cuiabá, 2016.

ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataíde de; SILVA Geisa Natália da Rocha. **O currículo pensado do curso de pedagogia: a pesquisa em questão**. Revista e-Curriculum, São Paulo, n.12 v.02 maio/out. 2014, ISSN: 1809-3876 Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP.

ANDRADE, Mikaelly Silva; SILVA, Maryanna Labelli de Mélo; MELO, Natália de Oliveira. **Desafios da educação remota em tempos da covid-19: um estudo de caso com professores do agreste de pernambuco**. Anais VII CONEDU - Edição Online. Campina Grande: Realize Editora, 2020.

BARRETO, Andreia Cristina Freitas; ROCHA, Daniele Santos. **Covid-19 e Educação: resistências, desafios e (im)possibilidades**. Revista Encantar. v. 2 (2020): jan./dez. 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP Nº 1, de 18 de fevereiro de 2002**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 abr. 2002, seção 1, p. 31. Republicada por ter saído com incorreção do original no DOU, 4 mar. 2002. Seção 1, p. 8.

BRASIL. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 20 mai. 2020.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. et al. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livros, 2009.

FARIAS, Mariana Soares De et al.. **Ensino remoto e tecnologia: uma nova postura docente na educação pós-pandemia**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020.

FELIPE, Fabiana Alvarenga; SILVA, Dayane dos Santos; COSTA, Áurea de Carvalho. **Uma base comum na escola: análise do projeto educativo da Base Nacional Comum Curricular**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, 2021.

FERREIRA, Luciana Haddad; BARBOSA, Andreza. **Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social**. In: Revista Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, e2015483, p. 1-24, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.15483.076.

GARCIA, Joe; GARCIA, Nicolas Fish. **Impactos da pandemia de COVID-19 nas práticas de avaliação da aprendizagem na graduação**. Eccos - Revista Científica, São Paulo, n. 55, p. 1-14, e18870, out./dez. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Crislainy; ALMEIDA, Lucinalva; LEITE, Carlinda. **Práticas avaliativas e profissionalização nos cotidianos – uma análise de produções acadêmicas**. Revista Teias, Rio de Janeiro, v.19, n.54, p 209-225, 2018.

KOHAN, Walter Omar. **Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica**. In: Revista Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-9, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.16212.067

LIMA, Michelle Castro; AZEVEDO, Sabrina David. de; NASCIMENTO, Ana Lúcia Ribeiro do . (2020). **Currículo e práticas docentes durante a pandemia de 2020**. *Itinerarius Reflectionis*, 16(1), 01–20. <https://doi.org/10.5216/rir.v16i1.65753>

LINS, Maria Geísa Moraes; SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. **Um estudo de articulação de saberes híbridos nos discursos e práticas pedagógicas do professor/formador e professor/aluno no PARFOR**. In: XVII ENDIPE, 2014, Fortaleza. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (17.2014).

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias De Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MACEDO, Elizabeth. **Base nacional curricular comum: novas formas de sociabilidade produzindo sentidos para a educação**. Revista e Currículum, São Paulo, v. 12, n. 03, p. 1530- 1555, Out/Dez, 2014.

MELO, Maria Júlia Carvalho de.; ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataíde de. **Professores decisores curriculares: possibilidades da formação inicial**. XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, 2020.

MELONI, Adaliza. **O CURRÍCULO PAULISTA DE GEOGRAFIA: análise das práticas curriculares da sala de aula.** Espaço do Currículo, v.9, n.2, p. 318-327, Maio a Agosto de 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1996.

MORGADO, José Carlos. **Identidade e profissionalidade docente: sentidos e (im)possibilidades.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, p. 793-812, out./dez. 2011.

MORGADO, José Carlos., SOUSA, Joana., PACHECO, José Augusto. **Transformações educativas em tempos de pandemia: do confinamento social ao isolamento curricular.** In: Revista Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, 1-10, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.16197.062.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimento.** 9. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

OLIVEIRA, George Wilber de Bessa; PENTEADO, Adriane de Lima. **Análise social dos alunos da UTFPR Câmpus Ponta Grossa: sua proveniência geográfica e integração à comunidade acadêmica.** Ponta Grossa: UTFPR, 2016.

TRICHES, Eliane de Fátima. ARANDA, Maria Alice de Miranda. **A formulação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como ação da política educacional; breve levantamento bibliográfico (2014-2016).** Realização, Dourados, v. 3, n. 5, p. 81-98, 2016.

ANNA GABRIELY PAES FERREIRA DE CARVALHO

**OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO COVID-19: um estudo sobre as práticas
curriculares de professores do município de Caruaru**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Pedagogia do Campus Agreste da
Universidade Federal de Pernambuco –
UFPE, na modalidade de artigo científico,
como requisito parcial para a obtenção do
grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 17/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Ms. Márcia Cristina Xavier dos Santos (Examinadora Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Ms. Kathia Maria de Melo e Silva Barbosa (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco